O CASTELO DO MARECHAL

Celso Maria de Mello Pupo

CMP 2.1.9.37

Quem se delicia percorrendo os estudos genealógicos em indagações culturais ou nos lazeres com variedade de suas cogitações, bem sabe avaliar quanto esta especialidade da história representa de comprovação às leis da sucessão atávica. Inteligência e coração marcam indivíduos, repetindo-os, a intervalos, numa estirpe, assim como os traços fisionômicos que, quando já somos sexagenários, podemos, de viso, constatar suas repetições entre nossos conhecidos.

Percorrendo uma linha, na sucessão de suas múltiplas gerações, um mesmo talento, um mesmo senso artístico, um mesmo pendôr de alta idealidade, ou uma mesma força personalíssima, estão a repetir-se, de século a século, porém marcantes, firmando pendões qualificativos. Daí, então, um destaque natural e qualificador.

Dom João I, rei feliz de Portugal glorioso, filho de Pedro o Justiciero e de d. Tereza Lourenço, depois das glórias de Aljubarrota, fez-se ao mar com a maior armada que cruzara o oceano, para, em companhia dos filhos Dom Duarte (depois rei) Dom Pedro, Dom Henrique e Dom Afonso, conquistar Ceuta, o marco inicial dos heróicos feitos para o grande mundo português que se consolidava com o dilatar das conquistas ultramarinas.

Ceuta foi um passo de glória, del rei e de seus filhos aqueles que haviam de doirar ainda mais a heráldica casa de Aviz; acompanhou-os uma luzida gente, dos mais brilhantes brasões do reino portados pela sinistra de mocidade valorosa que iniciava a mais empolgante fase da vida portuguesa continuada em Sagres no pioneirismo navegador do império português.

Acompanhava el rei uma plêiade de cavaleiros, homens que reuniam o vigor físico ao apuradíssimo sentimento de honra, de dignidade, de patriotismo entusiástico e que levavam indómito o pavilhão pátrio, partindo do Tejo numa quinta-feira, 25 de julho de 1415. Compunham-na o grande e santo condestável Dom Nuno Alvares Pereira, o Mestre de Cristo Dom Lopo Dias de Sousa, muitos dignatários da Casa Real, entre os quais o Monteiro Mor Lopo Vasques de Castelo Branco e seu irmão Nuno Vasques de Castelo Branco moço que haveria de ser armado cavaleiro no dia seguinte ao da conquista, pelo infante Dom Duarte ao lado de quem pelejara.

Este novo cavaleiro Nuno casou-se com D. Joana Jusarte de quem teve um único filho que foi outro Lopo Vasques de Castelo Branco Monteiro Mor del rei, alcaide mor de Moura, casado com D. Catarina Vaz Pessanha, filha de João Pessanha e de D. Maria de Abreu.

Deste último casal foi filho outro Nuno Vasques de Castelo Branco, mordomo mor de Dom Afonso V, almirante do reino e alcaide mor de Moura, casado com D. Felipa de Ataíde, filha de João de Ataíde e de D. Maria de Cordóvelos, senhores de Penacova. Nuno e D. Felipa foram pais de Dom Pedro de Castelo Branco também senhor do morgado casado com D. Maria da Fonseca, filha de Rui Casca alcaide mor de Aviz, e de D. Aldonça de Camões. Em D. Pedro encontramos pela pri-

meira vez o título de dom, transmissível apenas por linha masculina.

De Dom Pedro foi filho outro Dom Pedro de Castelo Branco, sucessor do morgado do mesmo nome, capitão de Ormuz (Ásia) e guerreiro notabilizado nos feitos da África e Índia, e que além de morgado foi comendador de Vila del Rei; casou-se com D. Margarida de Lima, filha de João Brandão e de D. Isabel da Cunha.

Filho do capitão de Ormuz foi Dom Antonio de Castelo Branco, morgado e comendador de Vilela e do Rio Torto na Ordem de Cristo, e que tomando parte na batalha de Alcacerquibir, nela foi feito prisioneiro com a flor da mocidade portuguesa. Era casado com D. Maria de Britteiros, filha e herdeira de Mateus da Cunha, senhor de Pombeyro, por quem entrou nesta linhagem este senhorio.

Dom Antonio, prisioneiro em Alcacer, foi acompanhado neste infortunio pelo seu filho Dom Pedro de Castelo Branco, senhor dos morgados paternos, comendador de Santa Maria da Amendoa na Ordem de Cristo, casado com a filha do genovez Antonio Calvo, D. Francisca Calvo de quem teve, entre outros, o filho Dom Antonio de Castelo Branco, sucessor no morgado e comenda, e que seguiu o destino do seu pai e avô de dar a vida pela pátria, morrendo na batalha de Dom Fradique de Toledo que tomou a Baía aos holandeses em maio de 1625; foi casado com D. Maria da Silva, filha de Francisco Correa de Mello, senhor de Belas, e de D. Ana da Silva.

Dom Antonio, morto na batalha de Dom Fradique, teve vários filhos; o primogênito e herdeiro, Dom Pedro foi elevado a visconde e depois a conde de Pombeyro. Outro chamado Dom Francisco da Cunha de Castelo Branco, casado com D. Maria Eugénia de Mesquita, foi pai de D. Clara da Cunha e Silva de Castelo Branco casada com Manuel Carvalho de Almeida.

O casal Clara e Manuel teve um filho que alguns genealogistas chamam erradamente pelo título de dom; sendo ele neto materno do portador deste título, não podia herdá-lo por linha feminina. Entretanto, chamam-no de Dom Francisco da Cunha e Silva de Castelo Branco e foi casado com sua parente (filha de sua prima irmã) D. Ana Rosa Pereira Teresa do Lago, filha de Antonio Carvalho de Almeida e de D. Maria Eugénia de Mesquita Castelo Branco.

Do citado casamento com sanguíneo, nasceu Marcelino José da Cunha Castelo Branco, duas vezes de sangue de Castelo Branco, e que se casou com D. Maria Florência de Castelo Branco, filha de Estevam Lopes de Castelo e de D. Ana Marques. De Marcelino e de D. Maria Florência, foi filha D. Candida Rosa de Castelo Branco três vezes Castelo Branco e que se casou com Marcelino Borges de Carvalho.

Marcelino e D. Candida tiveram um filho chamado Francisco Borges de Carvalho que se casou com a prima irmã D. Beatriz Viegna da Silva Castelo Branco, e que foram os pais do Gene-

ral Candido Borges de Castelo Branco, este já seis vezes Castelo Branco.

O general casou-se com D. Antonieta de Alencar, e foram pais do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, presidente da República e hoje símbolo da liberdade e garantia do nosso futuro.

Mas os Castelos tem ainda a registrar uma distinção recebida da mais alta significação e que ainda perdura nas paredes de um dos salões do paço de Cintra em Portugal. A construção deste paço foi iniciada por Dom João I e continuada pelos seus sucessores Dom Afonso V, Dom João II e Dom Manuel. Este último rei mandou decorar o salão das armas com os brasões de setenta e duas das maiores famílias de Portugal, figurando entre eles o de Castelo Branco que é um escudo azul com um leão rampante de ouro armado de vermelho.

A família Castelo Branco é enorme no Brasil e espalhou-se por todo o país. Campinas mesmo teve um Castelo Branco que se notabilizou por um trabalho de ciência agrícola aplicada que salvou o Estado da crise tremenda iniciada em 1929. Não usa ele o apelido de Castelo Branco, pois é Raimundo Cruz Martins, mas é neto materno dos barões de Urussuí, cuja baronesa era D. Verônica de Castelo Branco, trineta do casal já citado Francisco da Cunha e Silva de Castelo Branco e D. Ana Rosa Pereira Teresa do Lago.

Que a tomada de Ceuta e tantos outros gloriosos feitos dos Castelo-Branco na história encantadora de Portugal, se reflitam nesta hora grave da nossa cara pátria e marçom, mais uma vez, o nome predeterminado fazendo-o padrão na história do Brasil.